

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	15.º Anno — XV Volume — N.º 490	Redacção — Atelier de Gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	I DE AGOSTO DE 1892	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Ocidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

As festas da Rainha Santa, e principalmente a visita dos reis de Portugal a Coimbra, chamaram á cidade do Mondego uma affluencia enorme de forasteiros de todos os pontos do paiz.

Não assistimos a essas festas, mas pelas noticias dos jornaes e pelas informações particulares que d'alli tivemos sabemos que ellas foram muito animadas e brilhantes, á excepção das duas recitas de gala que foram pouco concorridas, o que era de prever desde o momento em que essas recitas não eram por convite, como deviam ter sido, e em que cá fóra, na rua, ao ar livre e de graça o povo tinha a grande festança das illuminações, das danças, dos descantes e dos fogos de vistas.

De todas as festas a mais imponente foi a pro-

cessão da Rainha Santa, a mais pittoresca e original a dos cantares e danças populares no grande tablado armado n'uma das praças publicas, em torno do qual se agglomerou durante toda a noite enorme multidão.

Os hoteis e casas de hospedes de Coimbra aproveitaram com uma usura, que indignou muita gente, a occasião dos festejos e fartaram-se de metter a unha nos pobres forasteiros que lhes cahiram nas mãos.

Para fazer uma pequena idéa da maneira como os hospedeiros de Coimbra pozeram em practica a velha sentença de que «quando ha vento molha-se a vella» basta dizer-se que os hoteis cujos preços usuaes regulam por dez tostões a um quartinho, não estiveram com cerimonias e elevaram logo esses preços á bagatella de seis mil reis diarios, e não contentes com isto, contavam aos hospedes esse preço fabuloso não só pelos dias que elles occupavam os quartos, mas tambem desde o dia em que os tinham mandado marcar, de modo que a muita gente que foi a Coimbra ás festas, o preço da hospedagem durante quatro ou cinco

dias foi igual ao que gastava em qualquer bom hotel de grande cidade durante quinze dias ou um mez.

E' d'essa disparatada elevação de preços, d'essa imprudente esfoladella aos pobres viajantes, a indignação dos esfolados, que vociferam contra as auctoridades, que não souberam de qualquer maneira pôr cobro a esse abuso.

Apezar do exagero exorbitante de preços, porém todos os hoteis, hospedarias e casas de hospedes que ha em Coimbra se atafulharam de hospedes n'esses dias, milhares de pessoas não encontraram alojamento ou nem sequer tentaram encontral-o e dormiram n'essas quatro noites de festas no grande hotel de *la Belle Etoile*, improvisando leitos nos bancos das praças publicas, nos portaes das casas, nas pedras da calçada, até mesmo no choupal, que n'essas noites se transformou n'um vasto dormitorio.

As festas correram muito animadas, sem ter a empanar lhe o brilho a mais pequena semsaboria e no domingo á noite Suas Magestades retiraram para Lisboa no meio de entusiasticas aclama-

## MONUMENTOS DE EVORA



EGREJA DA GRAÇA

(Segundo uma photographia do sr. L. Freire)

ções e decerto muito satisfeitas com o acolhimento festivo que ali tinham tido.

Os augustos viajantes foram directamente de Coimbra para Cintra onde os esperavam na *gare* todas as pessoas mais illustres que ali estão passando o verão e que festejaram alegremente o regresso de Suas Magestades com illuminações e fogos de vista.

Agora falla-se muito n'outro passeio dos reis de Portugal, n'um passeio que Suas Magestades estiveram já para fazer no anno passado, uma digressão pela provincia do Algarve.

Diz-se que essa digressão se realizará ainda este anno, por estas semanas, antes de Suas Magestades irem para Cascaes.

Não sabemos o que ha de certo n'estes boatos, mas o que sabemos é que de varias cidades algarvias chovem as insistencias para que essa visita real se leve a effeito.

\*  
\*  
\*

Appareceu no *Diario do Governo* o programma do novo concurso para a adjudicação do theatro de D. Marja

Como é sabido ao concurso aberto ha poucos mezes, logo que a antiga empresa societaria do theatro de D. Maria entregou o theatro ao governo, houve só um concorrente, a firma social Rosas, Brazão & Companhia.

A proposta d'esse concorrente, porém, apesar de ser unica, não podia ser attendida porque não se conformava absolutamente com todas as condições do programma.

Segundo se diz os srs. Rosas, Brazão & C.<sup>a</sup> pediam que a exploração do theatro lhe fosse dada por seis annos, em vez de trez, que o programma marcava; que fossem dispensados de segurar o theatro, visto que o estado não segura nenhum dos seus edificios e que nunca houve essa clausula nas adjudicações no theatro de S. Carlos e faziam outras modificações ao programma do concurso.

Alteradas as condições d'esse programma o governo não devia adjudicar o theatro sem novo concurso e esse concurso foi agora aberto pelo espaço de vinte dias.

O programma vem modificado em alguns artigos, a exploração é concedida por seis annos em vez de tres, a empresa é desobrigada de pôr em scena peças originaes não só de grande espectáculo mas também as chamadas peças de guarda-roupa, alteração muito mais importante no antigo contracto do que aparentemente parece e que já começa a provocar protestos; é dispensada de entrar com o deposito em dinheiro para garantia de tres mezes de ordenados aos escripturados, desde o momento em que o seu espolio em scenario, adereços e guarda-roupa seja equivalente á importancia d'esses ordenados; mas não dispensa o seguro do theatro, no que nos parece que o governo fez muito bem.

E' verdade que o estado não costuma segurar os seus edificios, mas a verdade é que os outros edificios do estado estão em condições muito diversas do theatro de D. Maria: em primeiro lugar esses edificios são utilizados em serviço seu, enquanto que o theatro de D. Maria é explorado em interesse alheio, em segundo lugar não se pode comparar o risco de incendio de qualquer edificio utilizado em repartições publicas, ou em asylos, com o risco de incendio d'um theatro em exploração quotidiana; o exemplo do theatro de S. Carlos só prova que houve sempre um favoritismo especial para esse theatro, que além de ter largo subsidio, levava rios de dinheiro ao thesouro em illuminações e em subsidios particulares, e que por cima de tudo era concedido a empresas particulares sem obrigação de o reedificarem, se por acaso o theatro fosse, em seu serviço, destruido por um incendio, como já por mais de uma vez ia sendo.

Por tudo isto parece nos que o governo fez muito bem em manter no programma da adjudicação ao theatro de D. Maria a obrigação da empresa exploradora segurar o edificio e parece-nos que fará muito bem em metter também essa condição nas futuras adjudicações do theatro de S. Carlos.

Sei perfeitamente que a occasião não é muito propicia para essa condição ser introduzida no programma do concurso do theatro de S. Carlos, agora que lhe foi retirado o subsidio e que posto o theatro a concurso sem esse encargo de seguro do edificio, que representa umas centenas de mil reis por anno, não appareceu nenhum concorrente; mas parece-me que é preferível o theatro estar um ou dois annos fechado por não haver concorrentes, a achar empresa que lhe pegue e o thea-

tro ir uma noite pelos ares e ficarmos então sem theatro de S. Carlos d'uma vez para sempre, porque, não se nos afigura que nas circumstancias actuaes do thesouro a reedificação d'um theatro como S. Carlos fosse das cousas mais aconselhadas pela economia, que durante muitos annos tem fatalmente que presidir aos nossos orçamentos de despeza.

E no fim de contas não me parece que seja cousa para assustar muito o paiz o theatro de S. Carlos ficar fechado, porque apesar do theatro lyrico ser uma cousa muito agradável não é evidentemente necessario como pão para a bocca e porque temos a certeza positiva de que mais dia menos dia apparecerá alguém que tome o theatro sem subsidio, e mesmo com o encargo do premio de seguro, porque no fim de contas pagar 500 ou 600 mil reis, ou mesmo um conto de reis por anno — que é em quanto poderá importar e seguro — como unica renda por um theatro como o de S. Carlos, quando as empresas dos outros theatros pagam quatro e cinco contos de reis por theatros que rendem a quinta parte do que rende o theatro de S. Carlos, não nos parece que seja muito mau negocio.

No momento actual parece que é, porque está ainda muito recente a recordação do subsidio de 25 contos de reis e do pagamento da illuminação e portanto o theatro de S. Carlos não se toma apenas pelo premio e sem renda, toma-se com trinta ou quarenta contos de reis de menos e com o encargo de 800 mil reis ou um conto a mais, mas quando a lembrança do subsidio esmorecer e quando se perder d'ahi todo o sentido e o theatro de S. Carlos entrar na exploração theatral, como qualquer outro theatro, acreditamos piamente que não de apparecer emprezarios que o queiram, como apparecem para todos os outros theatros inclusivê para o de D. Maria ao qual o governo não dá subsidio, exige premio de seguro e impõe condições.

Estou a ver o argumento a oppor: — a exploração do theatro de D. Maria não tem as despesas da exploração de S. Carlos. E' verdade, mas também a receita de S. Carlos não se compara com a de D. Maria e as exigencias do publico, desde o momento em que o theatro lyrico seja uma empresa puramente particular, sem subsidios do estado, diminuirão com certeza e não serão maiores do que as que elle tem nos outros theatros, nem haverá razão para que o sejam, como havia até agora.

Gervasio Lobato.

## MONUMENTOS DE EVORA

### I

#### A EGREJA DA GRAÇA

A cidade de Evora possui grande numero de exemplares de architectura; desde o seu templo romano até á capella mór da sé, maravilhoso salão da epocha de D. João V, ha uma serie de edificações de estylos bem definidos, e entre ellas contam-se exemplos de subido valor.

A arte romana, além do templo, deixou-nos uma porta de cidade, um grande trecho de muralha, fragmentos de estatuas e pavimentos de mosaico.

Aos reis gódos e attribuem algumas torres da cêrca antiga, cujo fôso ainda hoje tem o nome arabe, *as alcarcovas*; algumas janellas e capiteis representam a arte granadina; nas torres, nas naves, no zimbório da cathedral lê-se a lucta, a passagem do romanico para o primeiro gothico.

No chamado palacio de D. Manuel sobre a arca da do seculo xiv corre a fiada de janellas manuelinas a que os arcos em ferradura dão o tom mourisco, differenciando assim o manuelino eborense do estylo dos Jeronymos; e o pavilhão do palacio ostenta as suas tres janellas de fina renascença franceza lavradas no alvissimo e eterno marmore de Estremoz.

Falla-se de gothico: Evora tem-no desde a humilde lanceta, da pequenina ogiva do sec. xii, até ao fino e magestoso portal dos Loyos, ou ao claustro do Espinheiro.

Se quizermos ver a renascença encontraremos desde as suas primeiras manifestações até ao grande trabalho de esculptura em madeira no cadeirado do côro da sé, onde discipulos de Raphael lavraram figuras, flores, e trechos de phantasia, de muita gentileza.

Ao lado do edificio religioso está o civil, o convento ao lado do palacio, e a muralha que cêrca a cidade tem grandes trechos do seculo xiv, torres, cubellos e bastiões de diversas datas até á linha abaluartada do seculo xvii.

O sr Luciano Freire tirou photographias de alguns exemplares notaveis de architectura eborense, que o sr. Caetano Alberto, digno proprietario do OCCIDENTE, passou á gravura.

Da egreja de N. S.<sup>a</sup> da Graça, e do seu convento de Agostinhos ha larga noticia na *Chronica da antiquissima provincia de Portugal, da ordem dos eremitas de Santo Agostinho*, por fr. Antonio da Purificação (1656, part. 2.<sup>a</sup> pag. 255 e seg.)

Havia um mosteiro acanhado e humilde que D. João 3.<sup>o</sup> tomou sob sua protecção; augmentou-o muito, tanto que hoje nada se conhece da primitiva edificação; a transformação foi completa. Por isto com verdade se lê na frente da egreja — *Conditum sub imperio Divi Joannis tertii Patris Patriae*; em caracteres que recordam os da Roma imperial. Mas D. João 3.<sup>o</sup> quiz depois que o primeiro conde do Vimioso, D. Francisco de Portugal fosse o padroeiro do convento.

A obra começou em 1524, e acabou em 1529. É uma obra precisamente datada; é do começo do reinado de D. João 3.<sup>o</sup>, e nem um vestigio sequer do manuelino! Foi um salto enorme, a meu ver um desastre, essa transformação subita no gosto, na arte, da brusca passagem do estylo nacional, com seus elementos proprios e já com suas variantes, para o estylo italiano, para as obras á romana, como lhe chamaram então, com perfeita propriedade.

Parece que o espirito do Sansovino esteve dormente no reinado de D. Manuel, para saltar triumphante quando o principe venturoso tomou.

O frontispicio da Graça, com as suas columnas, trophéos, escudos e estatuas decorativas é exemplar da renascença italiana, miguelangelesca, unico no paiz e raro em toda a parte.

Dos muitos exemplares do renascimento que ha em Evora quasi todos se podem facil e directamente filiar em Raphael ou nos mestres francezes. Por fortuna muitos de taes trabalhos são datados; e por isto sabemos que a capella do Esporão, na Sé, é de 1529; que os ediculos dos Loyos do Paraizo são de 1535 e 36; que o côro da Sé é de 1562. Note-se, a capella do Esporão é de 1529; pois não tem que ver com a Graça; é outra renascença. Parece que o miguelangelesco não agradou, e assim ficou este sendo exemplar unico.

Mesmo na Graça, na capella mór, internamente, nos tumulos dos Vimiosos, nas janellas, ha finas cercaduras, deliciosos medalhões, datados de 1537; havendo aqui apenas de commum com a decoração da frontaria os singulares nichos obliquos, que em nenhuma outra parte apparecem.

É em Veneza que se encontram dois edificios que naturalmente se agrupam a este da Graça, pelo seu estylo e elementos decorativos; são as chamadas *Procuratie nuove*, e a Bibliotheca de S. Marcos (Gailhabaud, *Monumens anciens et modernes*, 1.<sup>re</sup> série).

As estatuas decorativas, symbolisando os quatro rios, os quatro elementos, as estações ou os pontos cardeaes, permaneceram como elementos decorativos geraes, mas sem aquelle aspecto féro, aquellas salientissimas musculaturas que o artista empregou nas estatuas da Graça, de tão feia catadura que até o povo lhes perdeu o respeito e lhes chamou os *meninos da Graça*, dando lhes nomes folgãos.

O emprego das grandes urnas na linha superior do edificio é proprio também d'este estylo.

A egreja do convento da Graça está hoje em ruina enorme. Como o frontispicio é de construção robusta talvez se mantenha. Mas as finas esculpturas da capella mór e o soberbo tumulo do bispo D. Affonso de Portugal, qualquer dia estarão desfeitos sob algum trecho da abobada. O convento está hoje aproveitado em quartel de infantaria. O claustro ainda conserva todo o seu cunho primitivo.

Ao convento ligam-se os nomes de Antonio Galvão e de Diogo de Teive, e durante algum tempo os frades agostinhos tiveram ali escolas de boa reputação.

G. Pereira

## VISCONDESSA DOS OLIVAEIS

Nas modernas sociedades teem-se desenvolvido uma coisa chamada Philantropia, que tendo por base mais a propria validade do que o verdadeiro amor do proximo, nem por isso deixa de ser todos os dias exaltada nos noticiarios, a proposito do sr. A. que deu uns tantos centos de mil reis para um azylo ou para uma escola, quando não são aquelles que só por meio dos jornaes sabem dar esmolas, chegando alguns a acompanhar essas esmolas de epistolas explicativas das suas intenções, aparentando muitas vezes uma

modestia que mal se compadesse com a publicidade do acto que praticam

Aos primeiros servem aquelles donativos de habilitação para titulos honorificos com que se enobrecem, indo pedir á miseria um pretexto para se engrandecerem; os segundos, tão modestos como os seus donativos contentam-se com o ver o seu nome em letra redonda nos noiciarios.

Uns e outros compram com a sua esmola aquillo de que precisam para satisfazer a sua vaidade. E' um negocio como qualquer outro, que vae conforme ao mercantilismo d'estes tempos em que de tudo se faz commercio.

Lembra-nos uma scena, que uma vez presenciámos á porta de uma igreja, em quinta feira santa.

Um grupo de meninas presidido por um cavalheiro, pedia esmola para os pobres da freguezia. Aquelle cavalheiro era um façanhado agiota, e então pensámos: elle pedia esmola para aquelles a quem tinha deixado sem camisa. Não podia haver mais santa caridade!

Se nos disserem que os resultados da Philantropia e da Caridade são os mesmos, nós responderemos com as palavras de Christo: nem só de pão vive o homem. E por que os resultados são os mesmos sob o ponto de vista material, não se segue que os principios são os mesmos tambem.

A Caridade é uma virtude tão sublime que não póde existir sem ser acompanhada de outras virtudes que formam um conjunto de perfeições que necessariamente fazem o homem bom. A Philantropia póde existir independente de virtudes ou qualidades boas. E' toda mundana, tendo por principal estimulo a vaidade o que faz crer que se esta não existisse não existiria aquella, e por que o phylantropo dá com a direita não se conclua que elle não tenha tirado com a esquerda.

Que differença, pois, entre a Phylantropia e a Caridade, aquella caridade evangelica, toda amor pelo proximo, que principia no conselho salutar e acaba no desprendimento das proprias commodidades em beneficio dos desgraçados, dando a metade da capa para cobrir a nudez do que nem essa capa tem, sem outro interesse que o amor do proximo, o amor de Deus, e praticando tudo isto sem alardo nem jactancia, sem mira nas consagrações dos noticiarios, nem mesmo no agradecimento dos beneficiados, porque, emfim, a gratidão não é sentimento que superabunde n'esta humanidade.

E' na pratica d'esta caridade evangelica que se destacou um vulto sympathico e bom, um modelo de virtudes christãs, a sr.<sup>a</sup> viscondessa dos Oliveaes, de que o OCCIDENTE publica hoje o retrato, como justa homenagem á memoria de quem viveu praticando o bem pelo amor do bem, e que morreu coberta das benções de tantos infelizes que amparou em vida, e a quem depois de morta ainda deixou conforto, repartindo tão equitativamente os seus bens, que não esqueceu o ultimo dos seus servos, ao passo que espalhou por tantas instituições de beneficencia boa parte dos seus haveres.

A historia da beneficencia tambem tem os seus heroes, e em o numero d'estes conta-se a illustre extincta de que passamos a esboçar a sua bondosa individualidade, reunindo as poucas notas biographicas que podemos obter.

\*  
\*  
\*

D. Maria Rosa da Veiga Araujo, viscondessa dos Oliveaes, viuva do primeiro visconde do mesmo titulo, nasceu na freguezia de S. Lourenço de Macau, em 1823, filha de Joaquim José Ferreira da Veiga e de D. Rosa Joaquina Paiva.

A sua vida foi sempre um exemplo das mais sãs virtudes, quer no seio da familia, quer no meio da sociedade, devotada ao bem como a maior satisfação do seu coração bom e generoso, lidando sem cessar na cruzada da caridade, ideal da sua grande alma que toda se comprazia em tão santa pratica.

Dirigindo a sr.<sup>a</sup> viscondessa dos Oliveaes por muitos annos o asylo da Lapa, pertencente á Sociedade das Casas de Asylo, quiz, em 1866, fundar um asylo seu, mantido pela sua bolsa, e sob o mesmo regimen dos asylos da referida sociedade.

Escolheu para esta fundação a freguezia dos Oliveaes, ás abas de Lisboa, onde n'aquelle tempo não existia uma só casa de educação e muito menos de beneficencia.

Foi este um monumento que levantou em vida, em beneficio de tantas crianças que ali recebem o pão do espirito e o do corpo, e que para a illustre fundadora constituia os seus melhores cuidados, a sua maior satisfação.

Era de ver a alegria com que todos os annos no dia 24 de maio celebrava o anniversario d'aquella

casa de caridade, onde repetidas vezes ia passar horas em companhia das crianças, dizendo que preferia ir ali, a ir ao theatro de S. Carlos, sentindo-se muito mais feliz no meio das educandas do seu asylo, do que em um camarote da opera, entre as galas de uma recita de festa.

Este simples traço desenha o perfil moral da benemerita senhora a que a *Société de l'encomragement au bien* de França distinguiu, em 1886, com uma medalha de honra pelos serviços prestados á humanidade.

A sr.<sup>a</sup> viscondessa dos Oliveaes tinha uma das mais vastas lavouras de Portugal, na margem direita do Tejo, onde se cria grande quantidade de gado cavallar e touros, e se faz em larga escala a cultura de cereaes, tendo adoptado n'estas suas propriedades os instrumentos mais modernos da agricultura.

Desprendida das golas e vaedades do mundo, a modestia era a norma do seu viver, e uma das clausulas do seu testamento foi a de que o seu funeral se fizesse sem pompa, desejando antes os suffragios espirituales do que as pompas vaidosas dos crepes funereos.

\*  
\*  
\*

O asylo fundado nos Oliveaes por esta senhora, occupa um edificio sufficientemente vasto, como se vê na gravura publicada a pag. 172, o qual foi comprado por 2:500\$000, elevando-se esta cifra a 5:177\$032 reis depois de feitas as obras necessarias para o adaptar ao effeito e de mobilado convenientemente.

Tem uma ampla aula, em que as crianças estão sentadas n'um amphitheatro de modo que são facilmente vigiadas pela professora. Uma outra sala ao lado é destinada a aula de escripta. O refeitório é uma grande sala, com mezas e cadeiras baixinhas proprias para as crianças, e um lavatorio com bacias para se lavarem depois da refeição. Do refeitório passa-se para a quinta, toda cultivada, e onde ha um recinto para recreio das educandas.

Este asylo ministra ordinariamente instrucção primaria a 50 crianças tendo além d'estas mais 10 extraordinarias, que só recebem ensino, por seus paes não precisarem que o asylo as alimente.

As crianças do sexo femenino podem frequentar o asylo até aos 14 annos e as do masculino só até aos 8, pelo que, é claro, que as que mais aproveitam do ensino são as meninas.

As educandas entram no asylo ás 9 horas da manhã e tem aula até á hora e meia da tarde. Depois segue-se o jantar e depois d'este o recreio até ás 3 horas, principiando então o ensino de costura e lavouras até ás 6 horas e meia, no verão e no inverno até ás 5 horas.

A regente e professora do asylo é a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Rodriguez Franco, que muito obsequiosamente nos prestou todos os esclarecimentos sobre esta casa de educação, quando ali fomos para este fim.

A administração d'este asylo é feita com a mais rigorosa economia sem prejuizo do tractamento das educandas, que tem todos os dias jantar variado, aproveitando-se as hortaliças, legumes e fructas que se cultivam na quinta para abastecimento do asylo.

A despeza em 1891 elevou-se a 681\$896 reis.

Apezar do asylo fornecer vestuario ás crianças para sahirem em formatura e bibes para estarem no asylo, a sua instituidora repartia amudadas vezes vestuarios ás educandas, premiando ainda aquellas que mais se distinguiam pela sua applicação e comportamento.

Algumas das educandas sahidias d'este asylo são hoje professoras de collegios em freguezias vizinhas.

A benemerita fundadora d'este asylo legou-lhe 14:000\$000 de reis para a sua manutenção, deixando determinado em seu testamento, que o mesmo asylo seja entregue á Sociedade das Casas de Asylo para o administrar. Além d'este legado deixou mais 400\$000 rs. para serem applicados ao asylo.

D'este modo ficou garantida a existencia d'esta casa de educação, que tantos desvelos mereceu á sua fundadora.

A população dos Oliveaes reconhecida á memoria da excelente senhora que tantos beneficios lhe dispensou, associou-se espontaneamente á idéa iniciada por alguns cavalheiros da localidade, para que se celebrassem solemnes exequias por alma da sr.<sup>a</sup> viscondessa dos Oliveaes.

Os cavalheiros que promoveram aquella solemnidade religiosa, foram, o reverendo parcho sr. Gonçalves Sanches, srs. conselheiro Motta Veiga, Serra e Cardoso.

As exequias celebraram-se na igreja parochial,

no dia 26 de julho, assistindo a ellas todas as educandas do asylo com a dignissima regente, e grande concurso de povo.

Ainda bem que a gratidão dos povos se afirma d'este modo para com aquelles que lhe dispensam tão desinteressados beneficios, porque assim se prova que, apezar do egoismo d'estes tempos que vão correndo, ainda vale o ser bom.

Caetano Alberto.

## PENELOPE

A occidental cidade de Lisboa, esta cidade tão formosa entre as formosas, a gentil rainha dos céculos campos, a bella princeza do Tejo, em cujas aguas argenteadas e brilhantes se revê orgulhosa, e se debruça dos seus montes como enamorada dama no seu balcão, assim ella no seu amphitheatro se curva para mirar-se vaidosa no chrystallino espelhado das aguas que a beijam, receosas de a macular; que a beijam como os cherubins osculam a fimbria do luminoso manto da Madona. O seu enorme porto capaz d'abrigar todas as esquadras do orbe, a sua mais que ampla barra, o seu clima ameno, entre o oriental e o temperado; e, com todos estes requisitos decerto foi creada para ser como é, a rainha dos mares, mas tambem a rainha da Europa.

Sendo Lisboa uma cidade antiquissima, reina sobre a sua origem um impenetravel mysterio; um tão denso véu a envolve com fabulas, e, tantas são as controversias historicas, que difficil é encontrar o positivo, pois tudo se perde na noute dos tempos.

Entre as inumeras versões, varios auctores dizem que, pelos annos do mundo de 2632, isto é, 1372 antes de Christo, Ulysses rei de Ithaca tendo acabado a guerra de Troya, passara as *Columnas de Hercules* (estreito de Gibraltar) e aportando a Lisboa a amplificou e reedificou, dando-lhe o nome de *Ulyssipo* ou *Ulyssa*.

Ulysses, como disse, foi um dos vencedores de Troya, era casado com a virtuosissima, a casta Penelope que era filha de Icaro. Penelope para se eximir ás importunidades d'aquelles que a querião seduzir emquanto seu marido se achava no cerco de Troya, obrigou-se a casar com aquelle que indireitasse o arco que Ulysses unicamente conhecia. Nenhum o poude fazer; mas pelo incessante instar d'elles prometteu declarar-se, logo que terminasse uma teia em que trabalhava; e de noute ia desfazendo o que tinha feito de dia e assim conseguiu, e por variados estratagemas eximir-se por largo tempo ás instancias dos seus pretendentes.

Ulysses voltando de Troya para Ithaca, correu tantos perigos no mar, que luctou cerca de dez annos contra o seu infortunio. Naufragou na ilha de *Circe* que o reteu enamorada, por bastante tempo. Na ilha de *Calypso* tambem naufragou, onde tambem foi por esta retido por largos annos. Finalmente na ilha dos *Ciclopes*, ainda um ultimo naufragio do qual se salvou agarrado a um lenho, e chegou a Ithaca, em tal estado de miseria, que pessoa alguma o reconheceu.

Metteu-se então no numero dos pretendentes a Penelope, para indireitar o arco que se propuzera e cujo premio era a formosa casta, Penelope; tendo-o conseguido, deixou-se reconhecer, sendo logo recebido no seio de sua familia. Logo apóz matou todos os seus rivales.

Pelo descripto vê-se que Penelope foi a mulher de maior virtude da antiguidade fabulosa. Vinte annos esperou por Ulysses, e a ella foi levantado por seu pai, um padrao ao Pejo, erigimento cuja causa foi o seguinte:

O pai de Penelope era um nobre Lacedemonio poderosissimo, não querendo separar-se da filha, rogou com instancia a Ulysses ficasse em Sparta. Mas todos os seus rogos foram inuteis.

Sahindo Ulysses e Penelope de Sparta, Icaro poz-se a caminho e tanto mandou fustigar os cavallos que lhe tiavam o coche que ainda os alcançou, e novamente instou com Ulysses para que voltasse. Vendo se Ulysses em collisão tal, deixou a sua esposa a escolha, ou ficar com seu Pai, ou ir com elle para a ilha de Ithaca.

Penelope calada, baixou os olhos e cobriu o rosto com o sendal. Então seu pae não insistindo mais, deixou-os partir, e n'aquelle lugar fez erigir uma ara cujas oblações eram dedicadas ao Pejo.

É pois esta mulher virtuosissima a que representa o quadro cuja gravura damos; é copia do bello quadro allemão original de Deutsch.

Está representada na attitude de quem espera e parece indagar, interrogar a immensidade dos

mares. Mas Ulysses não devia voltar com frota cujas naus apparecessem pouco a pouco, sensivelmente á sua vista.

Não longe d'ella, a seus pés, vê-se a teia com que tão artificialmente enganava, frustava, dilatava o prazo da sua declaração, prazo que attingiu vinte annos. Vinte annos da mais firme constancia, da mais encendrada virtude.

Este quadro é uma das mais bellas demonstrações da arte, e o seu thema um dos mais dignos como ensinamento e exemplo.

*Esteves Pereira.*

## HENRI LUSSEAU

O OCCIDENTE enriquece hoje a sua galeria de retratos d'homens illustres, com mais um, d'artista notavel e já bem conhecido entre nós. Fallamos de monseieur Lusseau engenheiro, architecto paizagista francez, official da academia de França, e muito notavel entre os da sua classe.

Recordar-se-hão, muitos dos nossos leitores, que viram o primoroso projecto do parque da Avenida da Liberdade, exposto ao publico nas salas do municipio, no concurso que em 1886 a camara municipal abriu, convidando nacionaes e estrangeiros, no empenho de continuar a grande Avenida; obra immorredoura do prestimoso vereador Rosa Araujo, á qual ligou o seu nome e muitos sacrificios, mas de quem a cidade de Lisboa nunca esquecerá os serviços, como a cidade invicta não esquece o seu Al-mada... Paris o Hausseman etc., etc.

E' o auctor d'esse notabilissimo trabalho, que obteve o primeiro premio e que ainda nutrimos a esperanza de ver realisado, d'esse illustre e dis-



VISCONDESSA DOS OLIVAES — FALLECIDA EM 25 DE JUNHO DE 1892

(Segundo uma photographia)

tincto engenheiro que hoje o OCCIDENTE se incumbem de dar noticias, pois que estão em evidencia alguns seus projectos com que a nossa terra se vae embelesando.

marmores, de França ricos parquets e ferragens de preço, tudo em estylo mourisco, são de inexcédível belleza os vitraux que hão de ornar todas as janellas cujos caixilhos de madeira de teca e

O chorado rei D. Luiz I, apreciando o trabalho de que vimos fallando, incumbiu ao laureado architecto um plano de transformação da Real tapada da Ajuda, na qual o fallecido monarcha destinava uma grande parte d'aquelles terrenos a edificações e logradouro publico, com os modernos embelesamentos etc., etc. Monsieur Lusseau apresentou em tempo o seu valioso estudo, que a morte do bondoso rei não permittiu se levasse a effeito. Entretanto pode apreciar-se esse projecto, porque está exposto n'uma das salas da vedoria da casa real, e é possível que volvam tempos em que se realice. Outro abastado proprietario vae fazer um parque em Bellas cujo projecto é ainda de monsieur Lusseau, e no qual existe um labyrintho e cascata de completa novidade.

O clou porém do distincto architecto, é a luxuosa construcção da Avenida da Liberdade, pertencente ao rico industrial o ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco da Conceição e Silva.

Conhece Lisboa toda, a interessante casa mourisca, que, entalada entre mui prosaicas edificações, se eleva do lado oriental em frente á rua Barata Salgueiro; escusamos encarecer tão saliente trabalho, elle só basta para attestar os meritos do academico architecto.

Partilham d'estes louvores, os senhores Antonio Moreira Rato & Filhos com officinas de cantarias em Lisboa, a quem foi confiada a execução de tão esmerada architectura, e folgamos de dizer que ouvimos a mousieur Lusseau apreciar com justiça o bem que se trabalha em pedra na nossa terra.

Planearam-se requintados luxos decorativos interiormente; de Italia vieram ricos fogões de custosos



AZYLO DOS OLIVAES, FUNDADO PELA SR.<sup>a</sup> VISCONDESSA DOS OLIVAES

(Desenho do natural por A. Silva)

portões tudo feito em Paris, são obra do primoroso lapis de monsieur Lusseau.

Ouvimos, porém que entrou o desanimo no arrojado proprietario, e que, exceptuando duas salas do andar nobre cujos croquis são ainda do architecto francez, e essas manter-se-hão tal como o artista as deliniou, a demais decoração é de nenhuma importancia, comparada com a riqueza exterior que dá a esta casa os fóros de ser a mais bonita e original propriedade de Lisboa.

Ainda assim, devemos agradecer ao corajoso proprietario o bom gosto que teve, distinguindo-se entre todos os seus collegas, e fazendo erigir uma fachada que envergonha tudo o que modernamente se tem construido em Lisboa.

*Pereira Junior.*

ção, era o mesmo, com mais um dia de idade.

No meio do almoço entraram na casa de jantar dois hospedes que na vespera já tinhamos ali encontrado ao jantar, mas com quem não tinhamos ainda trocado palavra.

N'esse dia travámos relações e relações agradaveis porque esses dois hospedes eram dois rapazes inteligentes, sympathicos, alegres, bellos cavaqueadores. Um era o dr. Pimenta, filho d'um medico distincto do Porto, e medico de partido em Arronches, povoação visinha de Portalegre, lá mettida no meio da Charneca, e o outro, seu amigo e seu companheiro, era o escrivão de fazenda do districto da Guarda que estava tambem em Arronches, em commissão de serviço. Ambos elles conheciam muito de perto o dr. Furtado, o medico illustre que ha seis mezes me salvára a vida e a quem de então para cá me liga uma ami-

nobres e das primeiras familias do Alemtejo e a quem tivemos o prazer de conhecer pessoalmente n'essa visita que fizemos ao Lyceu.

O sr. Diogo da Fonseca é o perfeito typo do *gentil-homme campagnard*, um verdadeiro fidalgo, com toda a sua linha distincta e aristocratica, linha que conserva intacta no meio dos revezes que deram cabo dos seus abastados haveres, uma figura que nos faz pensar n'aquelles deliciosos typos de velhos fidalgos, que Julio Sandeau se comprazia em descrever nos seus romances.

Na nossa visita ao edificio do Lyceu tivemos a boa sorte de ter como cicerones, no que dizia respeito ao Lyceu, o seu illustre reitor, no que dizia respeito ao resto do palacio e á quinta, o seu fidalgo proprietario.

O Lyceu de Portalegre deixou-me positivamente maravilhado.



PENELOPE — QUADRO DE DUTSCH

## OITO DIAS NO ALEMTEJO

NOTAS DE VIAGEM

VI

(Continuado do n.º antecedente)

No dia immediato levantei-me mais tarde. A's sete horas da manhã o meu visinho, o sino da Sé, accordára-me como na vespera, mas o somno foi mais forte que o sino. Eram dez horas quando entrei na casa de jantar do Dominginhos onde tres homens gordos, graves, e de poucas palavras estavam já acabando de almoçar.

Esses tres homens, todos tres do mesmo formato, eram os tres camaristas de Elvas que tinham vindo oficialmente assistir á abertura da exposiçào.

Não tive tempo de travar conhecimento com elles, porque eu a entrar pelas empadas do almoço e elles a sabirem pela porta da casa de jantar.

O almoço foi a repetição do da vespera, e estou desconfiado que ainda era mais do que a repeti-

sade fraternal, cheia de reconhecimento. O dr. Pimenta que fôra condiscipulo d'elle sabia da minha doença e da minha cura, e foi por ahi que a nossa conversação principiou.

Depois aos jantares e aos almoços, visinhos de mesa, conversámos largamente com elles, nos dias que nos demoramos em Portalegre e ficaram-nos as mais gratas recordações da sua bella palestra, das suas amaveis distincções, e tive realmente pena de não poder acceitar o convite delicadissimo que elles me fizeram para ir passar dois dias a Arronches.

Findo o almoço sahi para ir pagar a visita ao dr. Adolpho Ernesto da Motta e ver o Lyceu Nacional de Portalegre de que elle é illustre Reitor.

O Lyceu fica n'uma das praças principaes da cidade, praça de que já demos uma gravura, onde se vê a fachada do edificio, pegada ao edificio onde estão estabelecidas as repartições do governo civil, correio e telegraphos.

E' um bello edificio, o do Lyceu, um magnifico palacio pertencente ao sr. Diogo da Fonseca Acholi, um cavalheiro pertencente a uma das mais

Eu que ainda semanas antes estivera no Lyceu de Lisboa a assirtir ao exame d'uma das minhas filhas, que passara dois dias n'esse casarão immundo, entalado nas bancas pouco aceiadas chamadas mesas de desenho, fiquei sinceramente envergonhado, como lisboeta, ao entrar n'esse Lyceu de provincia, que mette positivamente n'um chinello o Lyceu da capital.

E' verdade que para metter n'um chinello o Lyceu de Lisboa basta que em qualquer Lyceu haja côco e agua, coisas de que o sobrado do antigo albergue nocturno decerto se não lembra já, a não ser que tenha uma grande memoria; mas não é somente sob o ponto de vista do acceio que o Lyceu de Portalegre merece honrosa menção, é pela bella disposição das aulas, pela maneira intelligente como estão aproveitadas todas as qualidades do edificio, pelo bom gosto, pela intelligencia superior, pelo cuidado esmeradissimo com que ali tudo está disposto, que fazem honra ao seu reitor e que são o maior elogio do professor illustre e do illustre funcionario zelosissimo que está á sua frente.

Não ha ali riqueza nem opulencia, mas com a modestissima dotação de que o Lyceu dispõe o dr. Motta á força de dedicação, de intelligencia, de bom gosto e de boa vontade, tem feito d'elle um verdadeiro Lyceu modelo.

O Lyceu de Portalegre é em toda a parte um estabelecimento de primeira ordem, é uma gloria brilhante para o homem superior que o dirige e que n'essa direcção emprega toda a sua sollicitude, toda a sua dedicação, toda a sua vida.

O Lyceu occupa apenas metade do edificio, a outra metade está deshabitada e consta de grandes salas, amplamente ventiladas, e d'uma capella pequena, e d'uma grande quinta, hoje muito abandonada, mas onde ha bellas arvores, plantas de valor, um jardim talhado á maneira da primeira metade do seculo desoito, no genero dos jardins de Queluz, e que com pouquissima despeza se transformaria n'uma deliciosa vivenda.

O governo ha muito tempo que entrou em negociações com o sr. Achioli para lhe comprar o edificio todo, mas no fim de tudo essas negociações pararam em meio.

Parece-nos que o governo tem toda a vantagem em comprar o edificio, apesar de estarmos em tempos de economia, mesmo porque essa compra representava uma economia importante.

O Lyceu paga de renda annual pela metade do edificio, que occupa, a quantia de 450 mil reis; agora, com a passagem do ensino primario para o estado, o Lyceu tem que adquerir mais duas salas para esse serviço o que faz elevar a renda a 600 mil reis.

Ora o sr. Achioli, segundo ouvimos, está prompto a vender o edificio todo por treze contos de reis, e adquerida essa bella propriedade, o governo podia applicar as salas que lhe restavam e as dependencias do edificio para estabelecer outras repartições, que tem dispersas em edificios alheios e de que paga renda, o que importaria claramente n'uma grande economia.

Depois de nos demorarmos muito tempo no lyceu e nos jardins, que eram um verdadeiro oasis no meio do calor enorme, asphyxiante, que uma trovoad, que pairava perto, despejava sobre a cidade, fomos quasi ao outro extremo de Portalegre, ao seminario de Santo Antonio ver a capella que tem azulejos curiosos, e um sacario de grande valor, e em seguida fomos jantar a toda a pressa para a tarde irmos com o visconde de Reguengo, á sua quinta, a quinta do Reguengo, que fica no alto da serra e de que nos diziam maravilhas.

E essas maravilhas que nos diziam ficavam muito aquem da verdade.

Eram cinco horas da tarde quando sahimos da cidade com o visconde do Reguengo e uma das suas encantadoras filhas, no seu breack tirado por duas mulas magnificas, que galgavam a montanha como quem bebe um copo d'agua.

Apenas se entra na serra o panorama começa a ser lindissimo e a dez minutos de caminho é verdadeiramente surprehendente, deslumbrante! Como que para acrescentar ainda uma nota nova, original, a esse famoso espectáculo quem manda lá em cima obsequiou-nos com um phenomeno celeste, que nunca tinhamos visto e é d'um effeito perfeitamente phantastico.

Quando iamos a meio da serra, já com toda a grande e pittoresca cidade de Portalegre a nossos pés, com as suas grandes e negras muralhas erguidas aqui e ali como gigantescas sentinelas ouviu-se uma detonação e o espaço foi cortado por uma fita luminosa que parecia um grande foguete.

Depois, rapido como um raio o aereolito tomou as cores do prisma, cores d'um brilho estranho e desfez se de prompto como uma exhalação, deixando-nos a todos maravilhados pela belleza extranha d'esse phenomeno.

A quinta do Reguengo fica a tres quartos d'hora da cidade no alto da serra, no meio d'uma estrada encantadora, toda coberta por enormes castanheiros, que formam um enorme e originalissimo tunnel de verdura.

O palacio fica mettido dentro da quinta entre extensos soutos. Logo á entrada em frente do grande pateo ha um enorme tanque, e a agua que ahí corre é tão fria que chega a ser perigosa.

Para a beber sem perigo é preciso descançar um pedaço, e mesmo no pino do verão, nos dias de maior calor, essa agua é tão fria que não se pode beber senão a pequenos golos.

A gente do sitio olha para essa fonte com certo respeito por que não é a primeira nem a segunda pessoa que a frialdade d'ella tem morto de repente, fulminadas pela congestão.

O palacio do visconde do Reguengo é uma habitação encantadora, e d'ella nos fizeram as honras principescamente o visconde e sua filha.

Nós já tinhamos provado no hotel os bellos morangos d'essa quinta, mas comidos ali, acabados

de colher, o seu sabor centuplica e uma enorme travessa d'elles, que os creados do visconde nos trouxeram para a varanda, despejou-se n'um abrir e fechar d'olhos.

Era quas. noite quando sahimos da quinta do Reguengo, porque ás minhas pequenas não havia forças humanas que d'ali as tirassem.

Era quasi noute e ganhámos muito com isso, porque havia luar, e quando chegámos á altura de Portalegre a lua erguia-se já no horisonte illuminando com a sua branca luz a cidade toda e dando-lhe um aspecto verdadeiramente phantastico.

Chegámos ao hotel perto das nove horas. Uma commissão do monte-pio operario portalegrense esperava-nos á porta amavelmente, para nos acompanhar ao theatro, onde n'essa noite havia um concerto dada em nossa honra e promovido gentilmente pela direcção do monte-pio.

E seguimos logo para o theatro.

(Continúa).

Gervasio Lobato.

## OS AUTOGRAPHOS DE CHRISTOVÃO COLOMBO

### II

(Continuado do n.º antecedente)

Mencionei no artigo precedente dezeseis autographos do arrojado navegador. Passo a enumerar os treze restantes, e em subseqüentes artigos transcreverei na sua integra alguns d'elles que me parecerem mais curiosos para os que se interessam pelos estudos que a peninsula hispanica, e as duas Americas, estão fazendo sobre aquella epoca e sobre o casual e grande descobrimento de novo mundo.

Autographo n.º 17. Carta a Diogo Colombo, Sevilha 28 de novembro de 1504; assignada. (Arquivo do duque de Veragua) Publicada por Navarrete vol. 1. pag. 337.

18.º Carta ao mesmo. Sevilha 2 de dezembro de 1504. Assignada. (Arquivo do duque de Veragua) Publicada por Navarrete. Vol. 1. pag. 340-341.

19. Carta ao mesmo, sem designação de anno e logar, e sem assignatura, mas parece ter sido escripta em 21 de novembro de 1504. (Arquivo do duque de Veragua) Publicada por Navarrete. Vol. 1. pag. 336.

20.º Carta ao mesmo. Diogo Colombo, escripta em Sevilha no dia 1 de dezembro de 1504 (no Arquivo do dito duque) Publicada por Navarrete vol. 1. p. p. 338 a 340. No fim ha uma especie de *post-scriptum*, mas não assignado.

21.º Carta ao mesmo. *Sine loco*, mas foi de Sevilha. E' datada de 3 de dezembro de 1504. Assignada. (Arquivo do duque) Publicada por Navarrete: Vol. 1. p. p. 343-345.

22.º Carta ao mesmo. Sevilha 21 de dezembro de 1504 (nos archivos do mesmo duque) Publicada por Navarrete: vol. 1. pag. 345-346.

23.º Carta a Nicolau Oderigo, Sevilha, 27 de dezembro de 1504. Assignada. Existe no archivo reservado da camara municipal de Genova; lithographada em todas as edições de Codice e photographada pela municipalidade.

24.º Carta a Diogo Colombo, Sevilha: 29 de dezembro (sem anno) assignada (Arquivo do duque de Veragua) Publicada por Navarrete. Vol. 1. p. p. 347-349. Tem um P. S. não assignado.

25.º Memorial dirigido a Diogo Colombo. Sem anno nem designação de localidade, mas foi em Sevilha, em dezembro de 1504, ou janeiro de 1505. Não está assignada por Colombo. (Arquivo do duque de Veragua). Publicada por Navarrete vol. 1. p. p. 341-343.

26.º Carta ao mesmo Diogo Colombo. Sem anno (Arquivo do dito duque) Publicado por Navarrete. Vol. 1. pag. 352. Sómente a ultima linha e a assignatura são da mão de Christovão Colombo.

27.º Carta ao padre Gorrício. Sevilha 4 de janeiro de 1505. Assignada. (Arquivo de mesmo duque.) Publicada por Navarrete. Vol. 1. pag. 333.

E' citada no inventario de Artiaga memorial de Pleyto n.º 1:018).

28.º — Carta a Diogo Colombo. *Sine loco*, mas foi em Sevilha. 18 janeiro... (*sine anno*) Assignada. (Archivos do dito duque) Publicada por Navarrete: Vol. 1. p. p. 349-351.

29.º — Carta a Diogo Colombo. Sevilha 5 de fevereiro. Sem anno mas é de 1505. E' assignada (Archivos do duque de Veragua) Publicada por Navarrete: Vol. 1. pag. 351-352.

Existe nas *Declaraciones de Toledo* (1875) inserto a pag. 70-71 um mau *fac-simile* da presente carta.

As quinze cartas autographas do almirante D. Christovão Colombo, quatro das quaes dirigidas ao padre Gaspar Gorrício, monge do mosteiro de Santa Maria de la Cuevas e das Cartuxas de Sevilha, e onze ao seu filho primogenito e herdeiro D. Diogo Colombo, foram descobertas por diligencia do insigne historiador castelhano D. Martín Fernandez de Navarrete nos archivos do duque de Veragua, achando-se algumas d'ellas em estado deploravel, pois que alem de mal acondicionadas, achavam-se muito deterioradas pela acção do tempo e com a tinta quasi sumida. Algumas estavam rotas nas margens e nas dobras e os caracteres mal escriptos e ineligiaveis.

A leitura e decifração d'estes importantes documentos foi portanto muito morosa e difficil, sendo depois impressos na monumental obra de Navarrete. Passamos a reproduzir algumas d'essas cartas, visto ser actualmente a melhor occasião de avaliarmos a grande obra do glorioso navegador, pelas festas que se estão preparando para commemorar o centenario do descobrimento do Novo Mundo.

(Continúa).

Silva Pereira.

## CONTOS DO ALEMTEJO

Quando em 1887 percorri o alto Alemtejo recolhi algumas das lendas provinciales, sendo a seguinte talvez a mais curiosa:

### A FORTUNA E A RIQUEZA

Um dia um pobre rachador de lenha encontrou no matto duas mulheres que discutiam entre si qual tinha mais merecimento.

Eram a *Riqueza* e a *Fortuna*. A primeira das mulheres volta-se para o trabalhador e diz á *Fortuna*:

— Este homem é honrado, trabalha incessantemente, tem aulher e filhos, vou fazel o feliz—faço-o rico!

— Rico poderás fazel o, feliz não, sem mim. — Veremos, contestou a *Riqueza* mordendo os labios de despeito. E, aproximando-se acto continuo do pobre rachador:

— Cava junto áquella arvore!

O homem cavou e a pouco trecho encontrou trez mil peças de 8.000 reis, ou o melhor de vinte e quatro contos de réis.

— Agora, compra uma casa e quinta por dez contos de réis e ficas ainda com quatorze contos para viveres.

O rachador foi para casa e deitou o dinheiro n'uma arca onde tinha farellos, dizendo:

— Aqui está seguro, ninguem m'o pode roubar.

A mulher de Paulo, o rachador, que não sabia de nada do occorrido viu-se na necessidade de servir uma vizinha a quem muito devia e que costumava comprar-lhe os farellos das amassaduras, e não estando para se encommodar, diz-lhe:

— Olhe, leve-os d'essa arca!

— São muitos, e eu não tenho onde os conduzir.

— Ora, o meu homem não está cá, leve a arca e depois mande m'a.

Assim se fez, e a amiga ficou rica.

O Paulo é qua ficou desesperado, e não teve querella com a mulher porque não lhe quiz confessar o que lhe tinha acontecido.

No dia seguinte foi para o matto e deparando-se-lhe de novo a *Riqueza* e a *Fortuna* contou-lhes a sua triste sorte.

— Vês disse a *Fortuna* para a *Riqueza*, eu não te disse que sem o meu poder nada conseguirás!...

— Sim? ora espera... Com que então, com o dinheiro não se vence tudo?... Anda cá bom homem toma lá mais duas mil peças (dezeseis contos de réis) mette-as no teu barrete. Agora ve lá não te deixes outra vez enganar.

O bom do Paulo assim o fez.

Mas o mofo rachador tinha perdido o favor da felicidade, estava no desagrado da *Fortuna*; e, algumas centenas de passos havia feito, quando no mais elevado d'uma serra salta sobre elle uma agua e arranca-lhe da cabeça o barrete.

O rachador Paulo, d'esta vez, não quiz mais entender-se com a *Riqueza* e foi procurar a *Fortuna*.

— Minha querida protectora sou muito desgraçado!

— Sim! ora coitado... Bem vês, pelo que te ha acontecido, não é a *Riqueza* que nos salva. E como hoje estamos sórs, vou dar-te uma cousa que de certo te vae resarcir de todos os dissabores. Toma esta barra de chumbo e guarda-a hem em tua casa....

O rachador Paulo rio a bom rir nas bochechas da *Fortuna* e disse alvamente .

— Isto é que com certeza ninguém me roubará. Foi para a sua cabana e atirou a barra de chumbo para um canto.

A mulher do rachador, Emilia dos Caniços se chamava ella, não se poud conter que lhe não dissesse, apoz uma tremenda gargalhada .

— Agora é que tu trouxeste a fortuna para casa! Mal a Emilia havia proferido estas palavras quando entrou na cabana do Paulo um velho pescador pedindo a este se *por acaso* teria algum bocado de chumbo com que o servisse para arranjo das suas redes. O rachador prontamente lhe entregou a barra que lhe dera a *Fortuna*.

— Isto vem do Ceu ! disse o pescador radioso. E, olhe, thio Paulo, o primeiro peixe que apañar é só para si.

Veio o dia da pesca e a rêde apenas trouxe um congro enorme, mas... nem mais um peixe!...

A mulher a apoquentar o rachador com a sua troça :

— Decididamente entrou-te a Fortuna em casa. O rachador Paulo encolheu os hombros e retorquiu :

— Já temos de comer sem gastar dinheiro e isso já não é pouco ; trata tu de arranjar o congro e vamos a comê-lo.

Preparou-se o peixe, coseu-se e veio para a mesa.

Produziu-se uma scena identica á do primeiro acto do *Burro do sr. alcaide*; a certa altura o peixe não consentia corte, era duro como pedra, não havia meio de trincar o congro.

Que teria o peixe ? Nada mais nada menos do que uma grande pedra, que, depois de tirada para a mesa parecia um bloco de chrystal rocha.

Mas o que surpreendeu os pobres habitantes da miseravel cabana, foi quando de noite, depois de tudo socegado um dos pequenos, filhos do rachador, gritou :

— Oh! pae que é aquillo que está ali a luzir tanto, parece a luz da lua!...

Paulo e Emilia alevantaram-se muito lepidos. Foram ver.

N'um dos sitios mais escuros da choça estava a pedra a expelir faiscas de um luminoso azulado, brilhantissimo ; a intensidade de luz das chispas era surpreendente!...

— Ah! que é um brilhante, meu querido Paulo, exclamou a mulher do rachador.

\*  
\* \*

Logo que amanheceu foi o Paulo vender a pedra preciosa a um joalheiro que lhe deu por ella duas mil peças em bom ouro.

Compraram a quinta e dependencias e ainda ficaram com dinheiro.

Um dia, um dos filhos descobriu na quinta, já propriedade do rachador, sobre uns barrancos um ninho de agua; Paulo e Emilia foram ver. Qual não foi o espanto do canponez e de sua mulher quando encontraram o barrete, ali, cheio de bellas peças de ouro. Faltavam algumas, é certo, mas ainda havia o melhor de quinze contos de reis.

Estava o bom do Paulo *em veia* porque tres dias depois morre a visinha que lhe havia pedido os farellos legando-lhe toda a riqueza que possuía, e declarando no testamento que o fazia para livrar a sua alma de justo castigo, por isso que encontrara na arca em que vinham os farellos vinte e quatro contos de reis em bellas peças de ouro do valor de oito mil reis cada uma.

\*  
\* \*

Quando a *Fortuna* de novo se encontrou com a *Riqueza* no bosque, referiu-se ao caso do rachador e exclamou para esta em tom victorioso :

— Então quem tinha razão ?  
— E' verdade, corroborou tristemente a *Riqueza*, enganei-me.

— Minha querida destes a um rachador de leinha quarenta contos de reis, e elle ficou pobre e havido por tollo, eu dei-lhe apenas uma barra de chumbo, e o pobre Paulo está hoje rico!?

— Tens razão, submetto-me, confesso que és mais forte do que eu — *não ha riqueza sem fortuna*.

Eis a moralidade do conto alemtejano.

Manoel Barradas.



## NOVIDADES DA SCIENCIA

PRODUÇÃO D'UMA CORRENTE CONTINUA POR UMA CORRENTE ALTERNATIVA. — M. Bottomé, annuncia que conseguiu tornar continua uma corrente alternativa collocando sobre o circuito dois electrodos, um de platina e outro d'aluminio, ambos imersos em agua acidulada. Uma camada não conductora de alumio se depõe sobre o aluminio e se oppõe á passagem da corrente quando ella se acha em um certo sentido e a deixa passar logo que se acha em sentido inverso.

Este phenomeno, muito curioso, foi descoberto ha já alguns annos, mas ficou sem applicação pratica.

MOTOR ELETRICO DAS MINAS. — A transmissão da potencia pela electricidade acaba de ser installada nas minas de Nunnery, no condado de Sheffield.

Consiste em um motor electrico que funciona por meio de uma bomba de exgoto levantando 250 litros d'agua por minuto á altura de 137 metros atravez de um tubo de 2:000 metros de comprimento e 19 centimetros de diametro.

O gerador manobrado pela machina a vapor que faz funcionar os ventiladores fornece uma corrente de 520 v. e 22 a. com a rapidez de 880 voltas por minuto. Está adstricta ao motor, distante de 3500 metros pelos conductores em cobre estanhado e enterrado em bitume. Em plena carga o motor absorve 22 cavallos.

ESCRUTINADOR ELECTRICO INSTANTANEO. — M. Le Goaziou dirigiu ao instituto uma communição ácerca do seu *escrutinador electrico*.

Este aparelho tem por fim totalisar e registrar instantaneamente os votos do parlamente ao qual o inventor offerece o seu invento.

Compõe-se o escrutinador electrico de transmissores de votos, postos em relação com os mesmos órgãos, de um *distribuidor rotativo* e de um *repartidor de votos*.

Cada transmissor possui em substancia dois botões de manobra bastando carregar n'elles ligeiramente com o dedo para preparar o voto. Cada um dos botões, empregado isoladamente, serve para exprimir o voto *a favor* e o outro para esprestar o voto *contra*. Funcionando ambos ao mesmo tempo em ittem o voto de *abstenção*. Se os deixam em repouso elles transmittem automaticamente a indicação da *ausencia* do votante, indicação que serve para estabelecer a relação d'aquelles que *não votaram*.

Os votantes podem modificar e rectificar á vontade os seus suffragios durante todo o tempo que dure o escrutinio.

Logo que este se acha encerrado, os votos são recolhidos instantaneamente, pondo em acção o *distribuidor rotativo*. Todos os botões de emitir são em acto continuo chamando automaticamente ao repouso, sob a influencia de uma corrente, e o aparelho acha-se depois d'isso preparado para novo escrutinio.

Os órgãos que servem para a recepção dos votos são de duas sortes; os *contadores* e os *registadores*.

Os contadores indicam os resultados numericos do escrutinio em grossos caracteres facilmente legiveis por todos os votantes. Podem totalisar até 600 votos por minuto.

O aparelho que serve de *registor* dos votos offerece a maior simplicidade. Compõe-se unicamente de um cylindro metallico coberto com a folha de escrutinio e com quatro rosetas que funcionam pelos quatro electro-imans do *a favor*, do *contra*, da *abstenção* e da *ausencia*. Este cylindro é fixado sobre o proprio eixo do distribuidor, d'onde resulta o synchronismo absoluto da marcha d'estes dois órgãos.

PAPEL DE BANANAS. — Segundo o que se lê nos jornaes americanos uma proxima revolução se va operar a breve trecho na industria do papel.

As fibras que fornecem os pés das bananas produzem um papel de primeira qualidade. A planta morre ao cabo de uma só estação depois de ter produzido seu fructo, mas das suas raizes saem novos rebentões de maneira que ella se reproduz incessantemente quasi sem cultura e sem despeza.

A industria americana occupa-se actualmente desta nova forma de explorar a bananeira.

A FERROIDE. — M. Herman Pool descreve no *Journal of the Association of Engineerin Societies* uma nova pedra artificial composta de ferro, enxofre e silica com mais ou menos materias estranhas. E' principalmente compostos de ferro e enxofre que se aggregam para endurecel-a e de silica que se lhe junta para melhor cohesão d'aquellas substancias.

A côr d'esta pedra é escura como as ardiasias podendo ser modificada pela introdução de materias corantes. E' assim que d'ella se tem obtido azulejo colorido e grés de diversas côres. Tem a dureza da pedra azul e pôde ser trabalhada com as ferramentas empregadas nas pedras ordinarias. Não se deteriora pela acção do ar e é bastante resistente.

Applica-se alem d'isso a grande numero de usos em que a pedra não pôde ser empregada, servindo particularmente para as grandes peças fundidas taes como canos de esgoto, etc.

OBJECTOS DE PAPEL, MODO DE OS ENDURECER. — Eis, segundo um diploma de invenção americano, o melhor methodo de endurecer os objectos feitos de papel.

Submettem-se a um banho de oleo de linhaça e de colophone em partes eguaes os artigos fabricados de papel, devendo ser aquellas substancias dissolvidas em um equal volume de naphta, dando-lhes uma grande fluidade que a faz penetrar em toda a massa.

A volatibilidade da naphta exige o emprego d'antoclaves e os artigos completamente impregnados são fechados em outros antoclaves onde a evaporação, que pode favorecer-se por meio de aquecimento, permite espalhar a naphta empregada.

A dessecação obtem-se em seguida em um forno á corrente d'ar aquecido a 133.º e o oleo de linhaça introduzindo-se em toda a massa torna-a, impenetravel á humidade.

Os artigos por esse processo adquirem uma estrutura granulosa, são ligeiros, impermeaveis á agua ficando muito flexives e elasticos.

Um segundo banho sem naphta fecha-lhes os poros tornando a impermeabilidade mais completa.

SERRA ELETRICA. — Fundado sobre os principios da electricidade M. Warren imaginou um aparelho de serração que fende facilmente as madeiras mais rijas. O aparelho consiste em um fio d'aco revestido d'uma camada de platina metalica ligado ás extremidades superiores de dois fortes triangulos, de cobre ou latão, montados verticalmente sobre um supporte de materia isoladora. O aparelho põe-se em communição com os dois polos de uma bateria de quatro elementos de Bunsen. A manobra faz-se rapidamente produzida pelo circulo electrico que se forma.

S. P.

## ECHOS DE TODA A PARTE

Os jornaes allemães cantam um facto muito curioso passado nos caminhos de ferro de Berlim.

N'um *fourgon* muito antigo fizeram ninho ha um mez umas andorinhas.

A empresa preciou do carro e metteu-o no comboyo mas os empregados não quizeram enxotar as andorinhas e até pelo contrario tiveram todo o cuidado em não as incommodar durante a viagem.

Desde esse dia o carro tem andado sempre em serviço, e as andorinhas e os filhos, que já nasceram, vivem tranquilamente no tecto do *fourgon*, como se fosse no telhado d'uma casa. Em todas as estações os paes saem a buscar alimento e apenas ouvem o signal de partida voltam para a sua carruagem como bons viajantes.

E assim as andorinhas teem já percorrido 15 ou 20 vezes todo o imperio allemão e os empregados dos caminhos de ferro já lhes puzeram um signal para ver se para o anno ellas voltam para a mesma carruagem.

\* \* \*

Uma historia persa :  
O scha Schabaham XXVII, mandou um dia ao

seu primeiro ministro que fizesse uma estatística de todos os tolos que havia no Imperio.

O ministro lançou-se ao trabalho com grande entusiasmo e d'ali a dias apresentou uma lista enor i.e. e na cabeça do rol o nome de S. M.

O scha que n'esse dia estava de bom humor em vez de se zangar perguntou ao seu ministro porque era que o tinha posto entre os tolos.

— Porque, meu senhor, vi V. M. ha dois dias confiar uma grande porção de dinheiro a uns desconhecidos para comprarem uns cavallos para V. M., cavallos, desconhecidos e dinheiro que V. M. nunca mais verá

— Pois enganaste redondamente. Os homens já voltaram e trouxeram-me os cavallos que já lá estão nas minhas cavallariças.

— Ah! sim! Então com licença, disse o ministro tiranda da algibeira uma raspadeira.

— O que vaes tu fazer.

— Vou riscar o nome de V. M. e pôr o d'esses homens.

Photographo.



## REVISTA POLITICA

A reunião de capitalistas, negociantes, industriaes etc., a que annunciámos na nossa última revista, realisou-se effectivamente no dia 21, e se não esteve tão concorrida, como seria para desejar, concorreu ainda assim um numero sufficiente para formar uma luzida assemblea, que ouviu da bocca do sr. José Dias Ferreira, pouco mais ou menos o que todos sabem e milhares de vezes se tem dito, incluindo a nossa humilde pessoa, sobre o estado das finanças e sobre as causas que determinaram a crise que estamos atravessando.

A reunião, que como dissemos em o numero passado se realisou em casa do sr. conde da Folgosa, presidiu o sr. conde de Ottolini, secretario pelos srs. Santos Lima e Motta Marques.

Constituida a assemblea o sr. conde de Ottolini congratulou-se pela presença ali do sr. presidente do conselho e deu-lhe em seguida a palavra.

O sr. Dias Ferreira, congratulou-se então por sua vez, por se achar no meio de tão luzida assemblea e principiou a tocar rabeca das administrações do paiz, rabeca que chegou ás proporções de rabecão, cheio de razões e de verdades, em que mais parecia a opposição a fallar que o presidente do conselho.

A nação, disse s. ex.ª, deve administrar-se como qualquer particular. Os emprestimos successivos tanto arruinam aquelle como um paiz. É necessario pôr de parte esse recurso e sair da situação em que se acha o paiz, que embora grave não é comtudo desesperada. Muito mais grave me parece a indisciplina social que é preciso atalhar.

E n'este diapasão continuou fazendo a critica dos melhoramentos feitos á custa de sacrificios e embarços futuros, sem o bom criterio que a elles presidiu, obedecendo muito mais ás exigencias dos corrilhos politicos do que á boa administração dos recursos do paiz.

Criticou asperamente o desenvolvimento abusivo do funcionalismo, dizendo que é necessario acabar com a criação de legiões e legiões de empregados publicos.

Declarou que por coisa alguma accetteria a intervenção estrangeira na administração interna da nação, dizendo mais que não ha motivo para isso, como o não houve na Hespanha e na Austria quando se deram as mesmas circumstancias.

Acha que é uma felicidade não se poder recorrer ao credito nas actuaes circumstancias, porque assim nos vemos livres de tomar novos encargos que nos arruinariam por completo.

Recorda qual tem sido sempre a sua attitudo no parlamento, pregando contra a marcha dos negocios publicos, mas que prégou no deserto.

Os impostos precisam remodelados, mas não é facil fazel-o, acrescentando logo em seguida que o primeiro factor dos rendimentos publicos é a paz, do que podemos concluir que uma remodelação de impostos viria agitar o paiz, pela resistencia que haviam de fazer aquelles que estão dolando os cofres publicos não pagando na proporção do que deviam pagar.

Não queremos teimas sobre este ponto.

Entretanto sua ex.ª depois diz que, para um governo ter realmente força é preciso que os seus actos não envolvam favoritismos escandalosos e administre bem e honestamente.

De facto assim é, mas esta doutrina não se compadece com a outra, com a tal que diz que é difficil remodelar os impostos.

Adiante.

Diz que o deficit e a divida fluctuante ha de desaparecer, sem para isso ter que augmentar impostos nem recorrer ao credito, e antes fazer rigorosas economias na administração.

A respeito de eleições diz que faça o povo portuguez o mesmo que fez agora o povo inglez com as eleições que lá teve. O povo que seja senhor soberano do seu destino e vote nos representantes que entenda capazes de lhe interpretar os seus sentimentos e de conhecerem as necessidades do paiz.

E concluiu por dizer que: «em lugar de chorarmos as nossas desgraças, encaremos os nossos deveres». O discurso do sr. presidente do conselho produziu



HENRI LUSSEAU

AUCTOR DO PROJECTO DO PARQUE DA AVENIDA DA LIBERDADE

(Segundo uma photographia de Epernay)

boa impressão na assemblea, e o sr. Matheus dos Santos, director do Banco de Portugal, propoz que a mesa nomeasse uma commissão para auxiliar o governo.

Achamos tudo isto muito bom, mas achamos tambem tudo isto, por ora, muito vago, muito platónico, apesar do sr. Dias Ferreira ter dito na assemblea, que era chegada a occasião de fallar menos e administrar mais, opinião em que abundamos, mas que tão difficil tem sido de pôr em pratica, com esta maldita tagarelhe que faz a felicidade dos portuguezes.

Tem sido varios os commentarios que a imprensa politica tem feito ao discurso do sr. presidente do conselho, assim como á reunião em que foi pronunciado.

Alguns chamaram a esta reunião o parlamento da rua Nova da Palma, muito milindrados com o facto e ciosos pelas prerogativas parlamentares.

Outros acharam naturalissimo o caso e entenderam que, á falta de um jantar ou de um almoço onde o sr. Dias Ferreira, declarasse, entre o café e o havano, quaes as suas ideias sobre a administração publica, esta reunião substitua o tal jantar ou almoço, com soupa e bifés a menos, e loquella a mais, visto que a reunião era só para fallar

Nós tambem somos d'esta opinião, e muito principalmente se os resultados da tal reunião forem mais praticos e mais saudaveis que as reuniões de S. Bento n'estes ultimos tempos.

E entretanto são as reuniões de S. Bento que mais

estão preocupando os politicos, crescendo a olhos vistos a intrighalhadá eleitoral.

Em virtude d'essas intrigas, correram, nos ultimos dias, boatos de crise ministerial, boatos que não chegaram a ganhar corpo, porque foram logo desmentidos, sendo certo em que reina ainda muita incerteza sobre a época ao certo em que se realice o acto eleitoral e ainda menos sobre os seus resultados que, entretanto, é de esperar sejam o que sempre tem sido.

Parece que n'um dos proximos dias haverá nova reunião em casa do sr. conde da Folgosa e que n'essa reunião se assentará sobre o modo de apresentar novos candidatos por Lisboa, escolhidos d'entre os mais independentes e que mais garantias offereçam de fallar menos e produzir mais.

Tudo leva a erer que as eleições que se vão realizar devem ser das mais curiosas que se tem feito em Portugal.

O sr. conde de Burnay lá anda todo atarefado a ver se pôde provar que é portuguez de lei, eleitor e elegivel.

João Verdades.



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**O Golpe de Misericórdia execução litteraria de Zé Filologo Leite de Vasconcellos, acusado de varios delictos contra a grammatica, o bom senso e a salubridade publica;** por J. Caturra Junior, auctor das *Licções practicas da lingua portugueza*; 3.ª edição, Lisboa, 1892. Um folheto de 94 pag.ª, que é a continuação da *Tosquia de um grammatico* a que já nos referimos n'este lugar. É a triplica d'esta questão filologica, não menos vigorosa do que a que a precedeu.

**Portugal.** Catalogo n.º 95 do livreiro Karl W. Hiersemann. Leipzig, Königsstrasse n.º 2 Leipzig, 1892. Na impossibilidade de enumerarmos aqui todas as obras portuguezas que se encontram n'este catalogo entendemos, entretanto, mencioná-lo n'esta secção para conhecimento dos nossos leitores bibliophilos.

Os que quizerem adquirir este catalogo, para vêr se n'elle encontram alguma obra que precisem, podem dirigir-se ao livreiro que o publica, este o remetterá pelo correio.

**Album Muzical Litterario e Illustrado.** Director artistico e proprietario Henri Muller, Fils. n.º 1, auno 1.º Lisboa. Com este titulo principiou a publicar-se em Lisboa uma folha sem marcar periodo certo de publicação. E' collaborado este numero pelos srs. Eça Leal, João José Jára, F. A. de Mattos etc Publica

um retrato da Rainha Sr.ª D. Amelia e uma musica de Avê Maria, composição do sr. Henri Muller, Fils, dedicada, á mesma augusta senhora. Ao sr. Muller agradecemos a offerta especial que nos fez do *Album Musical*.

**Engenharia e Architectura revista semanal illustrada.** Director, João Augusto d'Abreu e Souza, engenheiro. Il anno, n.º 1, Lisboa Esta revista, a unica no seu genero em o nosso paiz, recommenda-se especialmente aos architectos, engenheiros, conductores de obras publicas, machinistas etc. pela especialidade dos assumptos de que trata. E' muito bem redigida e publica boas gravuras, a maior parte relativas á sua especialidade.

## Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1893

Está em preparação este almanach, para o qual se recebem annuncios até 31 do corrente.

Recebem-se desde já encommendas na

**Empreza do «OCCIDENTE»  
Poço Novo - Lisboa**

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores  
Rua Nova do Loureiro, 25 a 41